

The background of the page features a large, stylized image of the Sphinx in the center, with a world map in shades of green and blue behind it. The Sphinx is shown from the chest up, with its head turned slightly to the right. The map shows the continents in a light green color against a light blue sky.

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

*Entrevista de Conceição Lima concedida a Fadul Moura
em 17 de julho de 2016.*

Para abertura da nossa pequena conversa, Conceição Lima, gostaria de saber como foi para você o início da experiência com a Literatura. O que foi decisivo em sua trajetória para você começar a escrever?

Acho que, em primeiro lugar, terá havido uma certa inclinação ou vocação, consolidada pela leitura, pelo ambiente familiar e pelos bons professores que tive. O meu pai era professor, poeta e músico e, desde muito cedo, identificou em mim algo que dizia ser especial. Uma certa forma de sentir as coisas, uma certa forma de recontar e recriar as histórias que ele nos contava, uma certa forma de olhar. Por exemplo, lembro-me de, ainda muito pequena, quando, à noite, estivéssemos na extensa varanda da nossa casa, eu olhar para a lua e ver ali flores, cavaleiros, crinas de cavalos, vales e montes, telas. Perguntava aos meus irmãos o que eles viam. Eles riam-se e respondiam: nuvens. A minha avó materna achava que eu tinha visões e que deveria ser submetida a tratamentos tradicionais. Mas o meu pai respondia que eu não padecia de visões nenhuma, que o que eu tinha era imaginação, que essa imaginação deveria ser deixada solta e que talvez eu viesse a ser poeta. Por outro lado, tive, desde sempre, uma relação muito íntima com os livros, que eram parte da atmosfera da nossa casa. Mesmo antes de ter aprendido a ler. Depois de ter lido, *A Menina do Mar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, e quando fôssemos à praia, eu ficava ali a olhar, a olhar, imaginando o mundo do livro a decorrer no fundo do mar. Não sei exactamente quando e onde situar, propriamente, o início da experiência com a Literatura. Talvez não tenha sido estranha ao meu encantamento quando li, primeiro, *A Menina do Mar*, depois, *O Cavaleiro da Dinamarca* e, depois, *O Principezinho*. Ou quando o meu pai, a minha mãe ou a minha avó nos contavam as histórias tradicionais do *Sun*

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

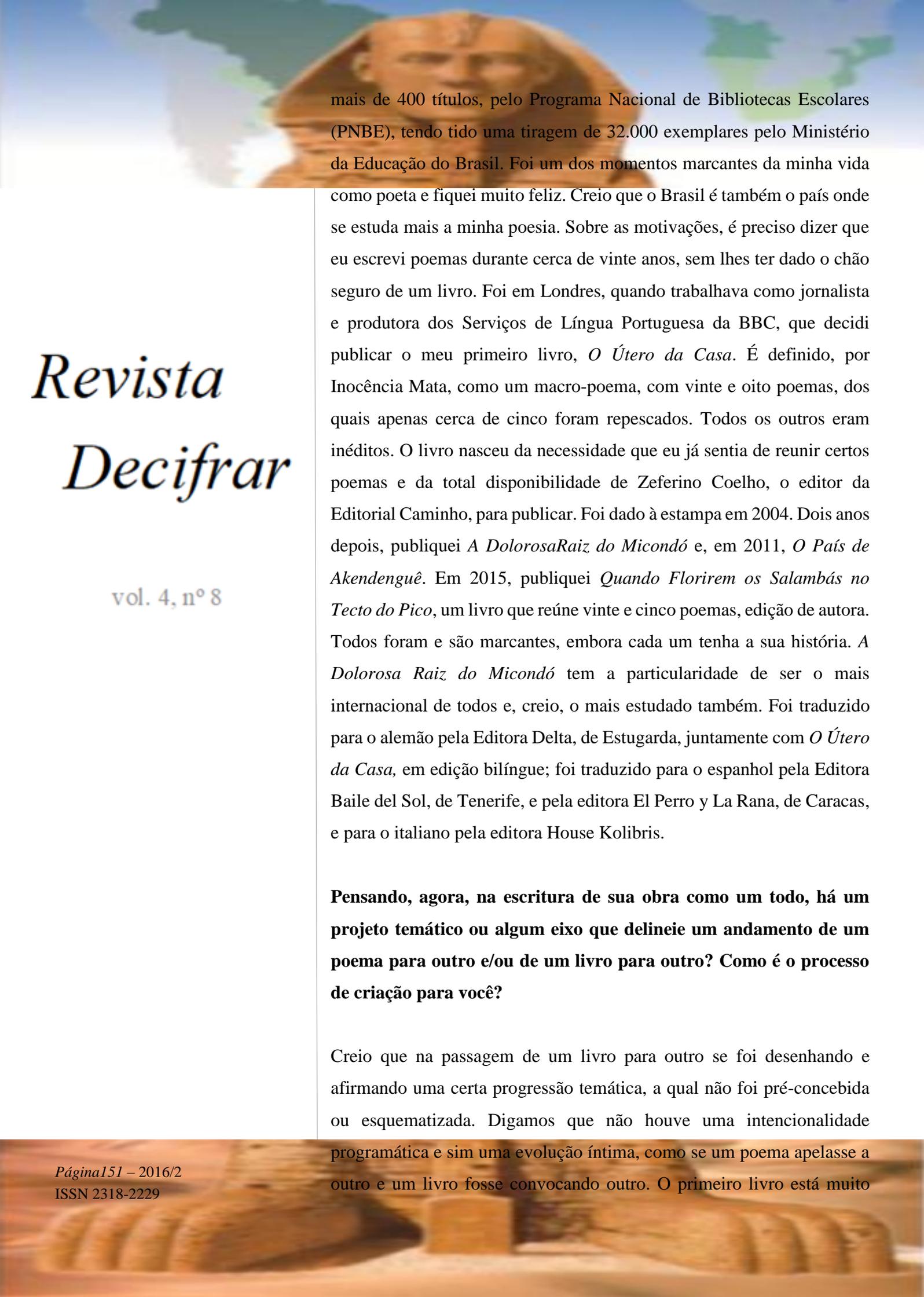
Tatalugwa (Senhor Tartaruga). Posso, porém, situar a primeira vez em que senti que a escrita nos pode diferenciar e distinguir publicamente, e essa primeira vez teve uma relação com o mar. Certo dia, teria eu cerca de oito anos, a professora Maria Alves mandou-nos escrever uma redacção. Em vez de dizer que o mar é azul, que a ilha é uma porção de terra rodeada pelo mar ou que o mar é uma massa de água salgada, eu fui buscar a história de um piquenique cheio de peripécias que tinha ouvido contar meu pai e acrescentei, ao conto, muitos pontos da minha criação. A professora adorou, tive um Muito Bom e recebi um rasgado elogio diante de toda a turma. Se o meu pai já me fazia sentir dotada de algo diferente em relação aos meus irmãos quando eu contava ou recontava histórias, a minha professora fez com que eu me sentisse muito especial por ter reinventado uma história. Ainda hoje ela se lembra disso e eu fico feliz quando ela conta o episódio a outras pessoas.

Por que você decidiu escrever poesia? Existe algum motivo especial para a seleção do gênero?

A poesia sempre me encantou, sempre me fascinou e apelou ao mais íntimo em mim. A rima, o ritmo... quando o meu pai declamava, (ou declamava e cantava), era como se eu estivesse a testemunhar o nascimento daquelas palavras, como se elas estivessem a emergir, pela primeira vez. E não era somente a sua musicalidade, era como se as coisas que elas nomeavam ganhassem forma diante dos meus olhos. Talvez eu não tenha seleccionado o género? Talvez tenha sido o género que me seleccionou a mim?

Como sua obra, para nós, no Brasil – em especial, no Amazonas – não é de fácil acesso, seria possível comentar um pouco sobre as motivações que geraram seus livros? E qual foi mais marcante para você?

Todos os meus livros não estão, de facto, disponíveis ao público brasileiro. Mas o segundo, *A Dolorosa Raiz do Micondó*, foi publicado pela editora Geração Editorial, de São Paulo, e foi seleccionado, entre



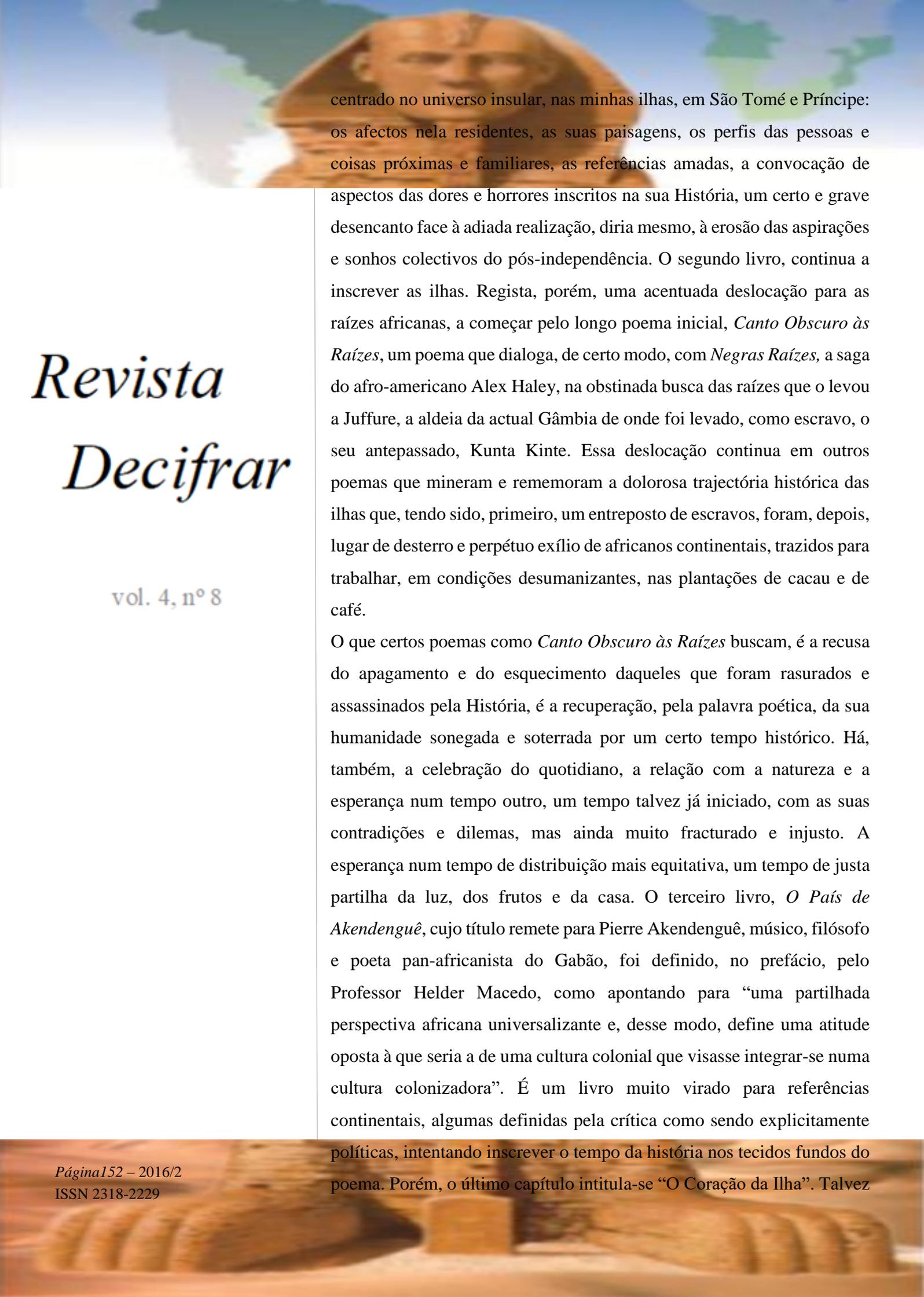
Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

mais de 400 títulos, pelo Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE), tendo tido uma tiragem de 32.000 exemplares pelo Ministério da Educação do Brasil. Foi um dos momentos marcantes da minha vida como poeta e fiquei muito feliz. Creio que o Brasil é também o país onde se estuda mais a minha poesia. Sobre as motivações, é preciso dizer que eu escrevi poemas durante cerca de vinte anos, sem lhes ter dado o chão seguro de um livro. Foi em Londres, quando trabalhava como jornalista e produtora dos Serviços de Língua Portuguesa da BBC, que decidi publicar o meu primeiro livro, *O Útero da Casa*. É definido, por Inocência Mata, como um macro-poema, com vinte e oito poemas, dos quais apenas cerca de cinco foram repescados. Todos os outros eram inéditos. O livro nasceu da necessidade que eu já sentia de reunir certos poemas e da total disponibilidade de Zeferino Coelho, o editor da Editorial Caminho, para publicar. Foi dado à estampa em 2004. Dois anos depois, publiquei *A Dolorosa Raiz do Micondó* e, em 2011, *O País de Akendenguê*. Em 2015, publiquei *Quando Florirem os Salambás no Tecto do Pico*, um livro que reúne vinte e cinco poemas, edição de autora. Todos foram e são marcantes, embora cada um tenha a sua história. *A Dolorosa Raiz do Micondó* tem a particularidade de ser o mais internacional de todos e, creio, o mais estudado também. Foi traduzido para o alemão pela Editora Delta, de Estugarda, juntamente com *O Útero da Casa*, em edição bilíngue; foi traduzido para o espanhol pela Editora Baile del Sol, de Tenerife, e pela editora El Perro y La Rana, de Caracas, e para o italiano pela editora House Kolibris.

Pensando, agora, na escritura de sua obra como um todo, há um projeto temático ou algum eixo que delineie um andamento de um poema para outro e/ou de um livro para outro? Como é o processo de criação para você?

Creio que na passagem de um livro para outro se foi desenhando e afirmando uma certa progressão temática, a qual não foi pré-concebida ou esquematizada. Digamos que não houve uma intencionalidade programática e sim uma evolução íntima, como se um poema apelasse a outro e um livro fosse convocando outro. O primeiro livro está muito



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

centrado no universo insular, nas minhas ilhas, em São Tomé e Príncipe: os afectos nela residentes, as suas paisagens, os perfis das pessoas e coisas próximas e familiares, as referências amadas, a convocação de aspectos das dores e horrores inscritos na sua História, um certo e grave desencanto face à adiada realização, diria mesmo, à erosão das aspirações e sonhos colectivos do pós-independência. O segundo livro, continua a inscrever as ilhas. Regista, porém, uma acentuada deslocação para as raízes africanas, a começar pelo longo poema inicial, *Canto Obscuro às Raízes*, um poema que dialoga, de certo modo, com *Negras Raízes*, a saga do afro-americano Alex Haley, na obstinada busca das raízes que o levou a Juffure, a aldeia da actual Gâmbia de onde foi levado, como escravo, o seu antepassado, Kunta Kinte. Essa deslocação continua em outros poemas que mineram e rememoram a dolorosa trajectória histórica das ilhas que, tendo sido, primeiro, um entreposto de escravos, foram, depois, lugar de desterro e perpétuo exílio de africanos continentais, trazidos para trabalhar, em condições desumanizantes, nas plantações de cacau e de café.

O que certos poemas como *Canto Obscuro às Raízes* buscam, é a recusa do apagamento e do esquecimento daqueles que foram rasurados e assassinados pela História, é a recuperação, pela palavra poética, da sua humanidade sonegada e soterrada por um certo tempo histórico. Há, também, a celebração do quotidiano, a relação com a natureza e a esperança num tempo outro, um tempo talvez já iniciado, com as suas contradições e dilemas, mas ainda muito fracturado e injusto. A esperança num tempo de distribuição mais equitativa, um tempo de justa partilha da luz, dos frutos e da casa. O terceiro livro, *O País de Akendenguê*, cujo título remete para Pierre Akendenguê, músico, filósofo e poeta pan-africanista do Gabão, foi definido, no prefácio, pelo Professor Helder Macedo, como apontando para “uma partilhada perspectiva africana universalizante e, desse modo, define uma atitude oposta à que seria a de uma cultura colonial que visasse integrar-se numa cultura colonizadora”. É um livro muito virado para referências continentais, algumas definidas pela crítica como sendo explicitamente políticas, tentando inscrever o tempo da história nos tecidos fundos do poema. Porém, o último capítulo intitula-se “O Coração da Ilha”. Talvez



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

o livro seja, pois, como uma viagem que começa no continente e o percorre, para desembocar na ilha onde “todos os mares explodem na varanda”.

O processo de criação varia. Há poemas que transmigram para o papel como num jorro, como se tivessem nascido quase prontos. Outros vão bailando e bailando, vão sendo ruminados, vão maturando dentro de mim, avançando e recuando, até emergirem. Num e noutro caso, eu cismo muito sobre o poema antes de o publicar. E reescrevo e reescrevo até o sentir inteiro e acabado.

Pesquisando sobre sua produção, descobri que você estudou não só em Portugal, onde fez jornalismo, mas também em Londres, onde se licenciou em Estudos Afro-portugueses e Brasileiros pelo King's College. Você poderia contar como foi a experiência de saída do lugar onde nasceu? Como foi se habituar a lugares tão diferentes?

Estudei jornalismo em Portugal, licenciiei-me em Estudos Afro-Portugueses e Brasileiros pelo *King's College of London* e, possuo o grau de Mestre em Estudos Africanos, com especialização em Governos e Políticas em África, pela *School of Oriental and African Studies (SOAS)*, de Londres. A primeira saída, para Portugal, representou, talvez, um desafio maior, porque se tratou da primeira deslocação ao estrangeiro por tempo prolongado. Sendo que se tratou de um desafio mitigado, porque Portugal significava todo um conjunto de referências mais ou menos familiares, resultante da proximidade histórica, dos contactos muito regulares entre Lisboa e São Tomé e do conhecimento resultante de muita leitura. Quando fui trabalhar para os Serviços de Língua Portuguesa da BBC, em Londres, já havia viajado um pouco por vários países e essas viagens incluíam uma curta permanência em Londres. Havia, também, muitas referências livrescas. Porém, era um universo muito distante, em termos concretos. Claro que a transferência, em termos tão prolongados, implicou uma radical mudança do meu esquema de vida, a adaptação a uma sociedade e cultura diferentes, a adaptação a novos hábitos de trabalho, novos conhecimentos, toda uma série de ajustamentos e aprendizagens. Devo dizer que foi uma experiência fantástica e decisiva

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

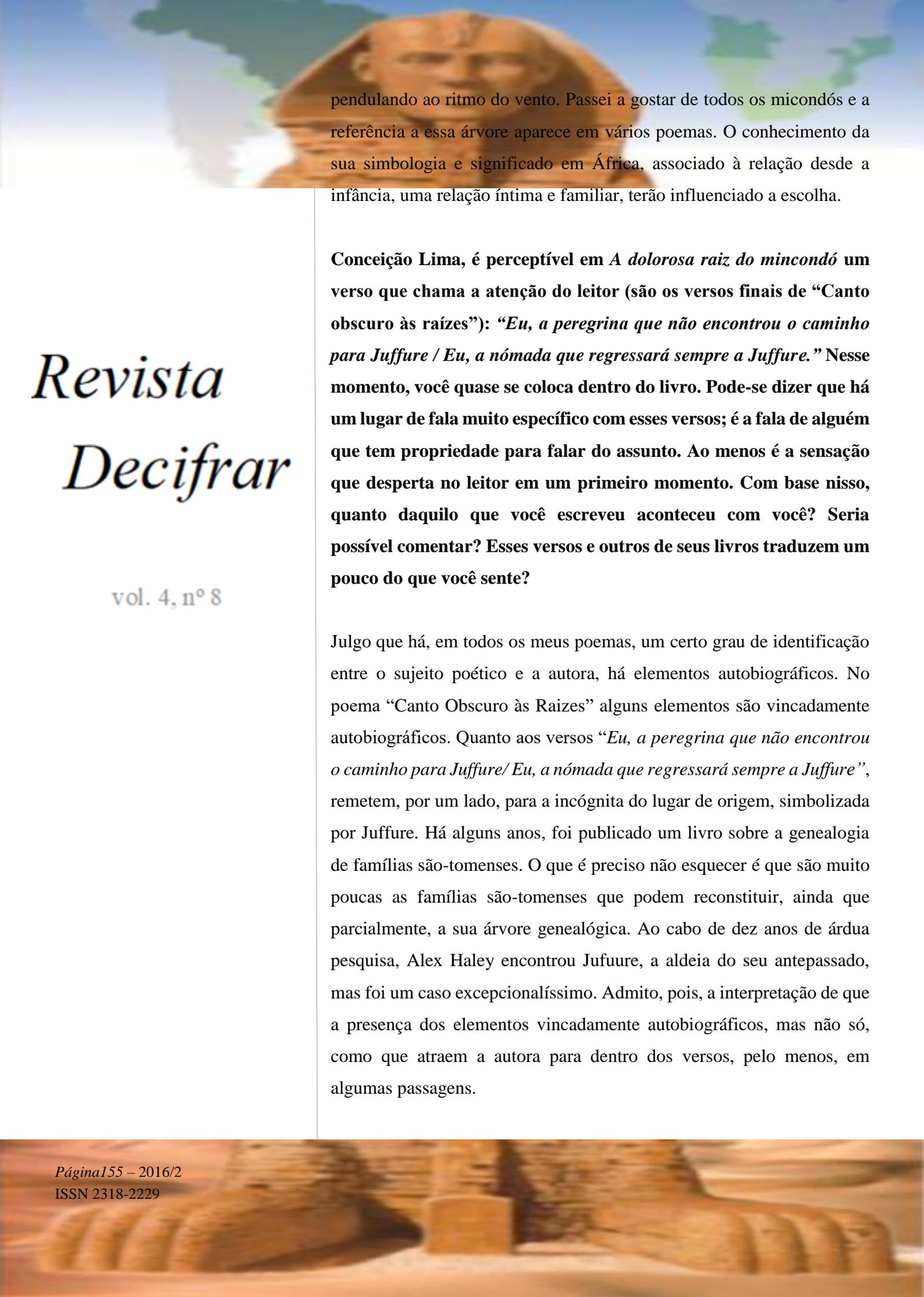
na minha carreira profissional, com reflexos na minha poesia. Porque, com exceção do meu quarto livro e de alguns poucos poemas no meu primeiro livro, toda a restante produção poética publicada em livro aconteceu em Londres. Em outro lugar, estou convencida de que teria escrito, certamente, livros diferentes.

Você participou da *Sexta Conferência de Escritores Afro-Asiáticos em Angola*, estou certo? Como foi para você ser uma das escritoras mais jovens – aos 19 anos – a participar do evento?

Foi uma experiência inesquecível, memórias para toda a vida. Foi a minha primeira viagem ao estrangeiro. Eu fui a escritora mais jovem do evento e coube-me ler a comunicação enviada pelos escritores são-tomenses. Devido, certamente, à minha juventude, fui muito saudada. Contudo, conhecer ao vivo grandes nomes da literatura angolana e de tantas partes do mundo, autênticas lendas para mim, referências que eu nunca imaginara vir um dia a conhecer, todos muito generosos e gentis para comigo, ouvir os poetas declamando a sua poesia, poder estar tão próxima de todos eles... bem, foi o mais marcante. Uma experiência memorável, indescritível. daquelas que guardamos, para sempre, no lado esquerdo do nosso coração.

Em seu livro *A dolorosa raiz do micondó*, chama a atenção do leitor brasileiro a escolha da árvore como tema. Qual o motivo dessa escolha? E qual o significado que você gostaria de empregar com essa imagem?

O micondó é uma árvore mítica em África, tendo, no continente, o nome baobá. Também é chamada embondeiro. É um símbolo de ancestralidade e de resistência, fazendo, pela sua longevidade, a travessia entre gerações. E oferece uma imagem, para mim, bela e impressionante, com a pujança da base do tronco que se vai afinando em direção aos ramos e os fios dos quais pendulam os frutos. Na quinta do meu avô, São João da Vargem, onde cresci, e evocada no poema do mesmo nome, havia um micondó gigante e eu gostava de me sentar ali, vendo os frutos



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

pendulando ao ritmo do vento. Passei a gostar de todos os micondós e a referência a essa árvore aparece em vários poemas. O conhecimento da sua simbologia e significado em África, associado à relação desde a infância, uma relação íntima e familiar, terão influenciado a escolha.

Conceição Lima, é perceptível em *A dolorosa raiz do mincondó* um verso que chama a atenção do leitor (são os versos finais de “Canto obscuro às raízes”): “*Eu, a peregrina que não encontrou o caminho para Juffure / Eu, a nómada que regressará sempre a Juffure.*” Nesse momento, você quase se coloca dentro do livro. Pode-se dizer que há um lugar de fala muito específico com esses versos; é a fala de alguém que tem propriedade para falar do assunto. Ao menos é a sensação que desperta no leitor em um primeiro momento. Com base nisso, quanto daquilo que você escreveu aconteceu com você? Seria possível comentar? Esses versos e outros de seus livros traduzem um pouco do que você sente?

Julgo que há, em todos os meus poemas, um certo grau de identificação entre o sujeito poético e a autora, há elementos autobiográficos. No poema “Canto Obscuro às Raízes” alguns elementos são vincadamente autobiográficos. Quanto aos versos “*Eu, a peregrina que não encontrou o caminho para Juffure/ Eu, a nómada que regressará sempre a Juffure*”, remetem, por um lado, para a incógnita do lugar de origem, simbolizada por Juffure. Há alguns anos, foi publicado um livro sobre a genealogia de famílias são-tomenses. O que é preciso não esquecer é que são muito poucas as famílias são-tomenses que podem reconstituir, ainda que parcialmente, a sua árvore genealógica. Ao cabo de dez anos de árdua pesquisa, Alex Haley encontrou Jufuure, a aldeia do seu antepassado, mas foi um caso excepcionalíssimo. Admito, pois, a interpretação de que a presença dos elementos vincadamente autobiográficos, mas não só, como que atraem a autora para dentro dos versos, pelo menos, em algumas passagens.

Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

Lendo estudos sobre sua obra, verifiquei que você é considerada uma poetisa pós-colonial. O que você compreende por um poeta pós-colonial? Que significado isso assume para você ao ler um texto crítico sobre a sua obra?

Julgo que essa interpretação resulta da leitura do conjunto da minha obra. Terá a ver, de certo modo, suponho, com uma certa forma de desentrançar e/ou reentrançar a História e as histórias dentro da História, o modo como a palavra do poema elabora ou reelabora, desconstrói, constrói ou reconstrói, por vezes, a narrativa da nação e da identidade ou identidades que a constituem, tudo isso numa perspectiva não estática que pode ser entendida como uma desmontagem de perspectivas coloniais. Haverá outras razões, porém, são estas que me ocorrem, de momento. Contudo, com toda a franqueza, esta é uma pergunta que eu preferiria ver colocada aos críticos literários.

Em uma de minhas aulas, ocorreu uma dúvida entre mim e meus alunos, ao mencionar que você nunca imaginaria que estaria sendo estudada no Amazonas, por ser um lugar tão distante. Você imaginava que sua obra ganharia essa dimensão, a ponto de saber hoje que está sendo estudada em alguns estados brasileiros? Como você lê a repercussão de sua obra dentro e fora de São Tomé e Príncipe, considerando que ela faz uma denúncia de massacres realizados sob território africano (ao menos em *A dolorosa raiz do mincondó*), quando esses países eram regidos politicamente por países europeus? E como você vê, em particular, o interesse de portugueses pelo seu livro?

Saber que estou a ser estudada no Amazonas, um lugar algo mítico para mim, é motivo de grande alegria. Como o é o facto de ser estudada em outros estados brasileiros e de saber que a minha poesia tem sido matéria de teses, de ensaios e de estudos vários, no Brasil. A minha poesia também é estudada nos Departamentos de Estudos Africanos em universidades portuguesas e tem merecido a atenção de estudiosos portugueses, dentro e fora de Portugal. Extravazando as fronteiras do



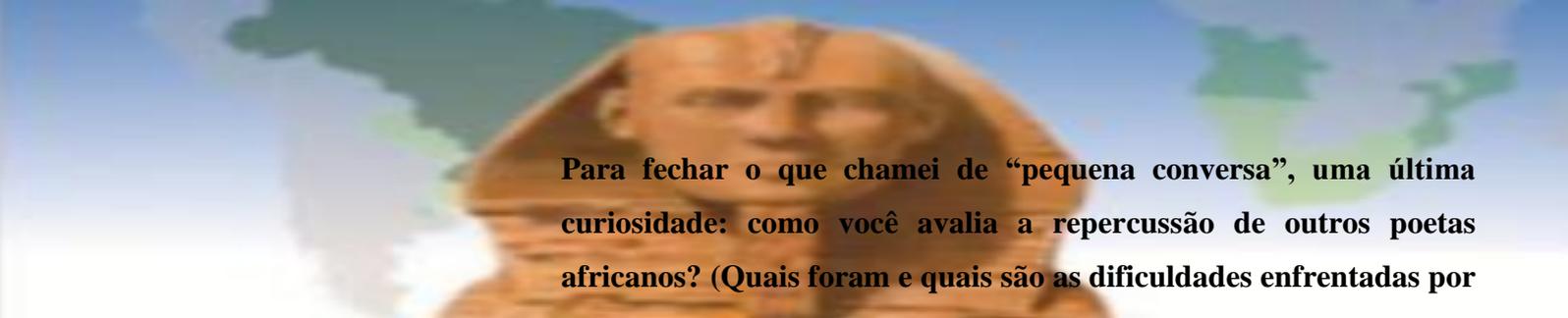
Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

Brasil e de Portugal, está em preparação uma antologia da minha poesia em língua inglesa, a ser publicada nos Estados Unidos da América, em 2018. A edição beneficia de uma bolsa do National Endowment for the Arts, Fundo Nacional de Apoio às Artes.

São conhecidos, no Brasil, autores como Mia Couto, Valter Hugo Mãe e Ondjaki, que já veio a Manaus, inclusive. Entretanto, não são conhecidas muitas vozes femininas quando se fala em literatura africana (de língua oficial portuguesa) de maneira geral. Sendo assim, como é para você ser uma escritora em um círculo editorial que publica predominantemente autores masculinos? Há outras vozes femininas na poesia e na prosa de São Tomé e Príncipe ou na de outros países?

Ser uma escritora num universo em que predominam escritores, quer em termos numéricos, quer em termos de visibilidade, significa uma aguda consciência do rigor e da disciplina no exercício criativo. Significa não ser auto-condescendente e exigir sempre, incessantemente, mais de mim própria como escritora. Sobre a presença de vozes femininas na literatura são-tomense, é preciso dizer que embora o *corpus* da nossa literatura não seja amplo, inscreveu sempre, no seu âmago, referências femininas incontornáveis. Alda Espírito Santo, considerada a matriarca das letras e da nação são-tomense e Maria Manuela Margarido, são dois nomes fundacionais. Hoje, Maria Olinda Beja é um nome conhecido, com vários livros de poesia e prosa, e, mais recentemente, surgiu Goretti Pina, trabalhando, também, simultaneamente, a poesia e a prosa. Em Angola, Ana Paula Tavares é um nome referencial da poesia e em Moçambique, a romancista Paulina Chiziane é o nome feminino mais proeminente. Ambas gozam de grande prestígio para além das fronteiras dos seus países, são estudadas no estrangeiro e estão traduzidas para várias línguas.



Revista Decifrar

vol. 4, nº 8

Para fechar o que chamei de “pequena conversa”, uma última curiosidade: como você avalia a repercussão de outros poetas africanos? (Quais foram e quais são as dificuldades enfrentadas por um poeta nos dias de hoje?)

Falando do caso de São Tomé e Príncipe, que é o que conheço melhor, diria que um dos maiores problemas é a falta do hábito de leitura, o qual dificulta a emergência de novos talentos. Têm surgido alguns livros, mas sente-se que há necessidade de mais leitura, de mais maturação. Há, também, o problema da edição que se coloca a alguns jovens escritores que se pretendem lançar nas lides literárias. Os custos de edição são elevados, há muito poucos patrocinadores e não existe uma política de mecenato. Para uma poeta como eu, que tem a felicidade de ter uma editora reputada em Portugal, a Editorial Caminho, parte do grupo Leya, o problema coloca-se ao nível da relação com os leitores são-tomenses, com os leitores do meu país. Existe, como já havia dito, um grande défice de hábito de leitura em São Tomé e Príncipe. As pessoas leem muito pouco e esse é um grande desafio para o qual não se conseguiu, ainda, encontrar respostas. É um problema de que se queixam todos os escritores e não apenas os poetas. Julgo ser necessário repensar as agendas curriculares, de forma a que os jovens, nas escolas e nas universidades, conheçam, estudem e aprendam a apreciar a literatura são-tomense e não apenas autores de outras latitudes de língua portuguesa. O grau de ensino da literatura são-tomense nas escolas é irrisório, e isso atenta contra o autoconhecimento e a afirmação da identidade cultural. A minha obra, por exemplo, é mais conhecida no exterior, e isso não pode deixar de constituir um motivo de tristeza para mim. Porém, conforme disse, esse é um desafio para o qual se torna necessário encontrar respostas, provavelmente através de uma conjugação de esforços e sinergias, envolvendo o Ministério da Educação, a União dos Escritores e Artistas e outras instituições.